

UM CANSADO CAPORAL

Danilo Gomes

O fruto maduro no fim do outono. Por todo o período, a estratégia do amadurecimento: palavras ditas ou sopitadas, olhares bem nos confins dos olhos, ausências, silêncios, revelações por etapas (cautelosas como raposas, algumas vezes; outras, como investidas de tigres). Inútil agilizar processos, correr, perder o fôlego, querer chegar por meios de afoiteza. Inútil, vão e particularmente ridículo. Esse fruto não é teu, caporal. Deixar-te ires, como folhas, e grãos de mostarda.

Um céu cinzento, e a opressão que sentes. Folhas, e grãos de mostarda. Teu pai amava os tangos e um lenço branco no bolso pequeno do paletó. À noite tinha dores no peito: tu corrias para a farmácia, em pânico.

Tu, caporal. A antiga tática de avanços e recuos, os mapas examinados sob abajures, as possibilidades abertas em leque, as conseqüências danosas ou não, os lances de risco e imprevisto (o rosto afogueado de um aventureiro-mosqueteiro), certo planejamento e os insondáveis silêncios de quem sombriamente pressente derrotas, armistícios, acordos imprecisos, capitulações, um fim inglório para toda a campanha. Taciturno, sovado, curtido, pensa no curso das operações passadas, presentes, ele, como um marechal-de-campo, antigo como a batalha de Verdun.

Desatas o nó da gravata: não marechal-de-campo, mas simples pequeno caporal, com marcas, cicatrizes, um resto de pó de outras campanhas, outros outonos, maios, dezembros

encharcadas de chuva. Moravas numa casa verde com alpendre e dalias, na tua infância havia um rio, duas avós, o cachorro Brinquinho que morreu sob teus olhos e foi o único de tua vida.

Sabia-se apenas no limiar da Idade do Lobo (sentia dentro de si a inquietação, a ambição, a força, a garra, a malícia desse animal das estepes). Caporal apenas e ainda. Cansado passageiro da correnteza.

Nessa rua, nessa rua mora um anjo — miravas longamente o prédio, voltavas para o fundo do bar ao lado, novamente bebias e recordavas.

Sou um caporal novamente envolvido numa campanha de fim nostálgico, melancólico, um naufrágio de grande porte — pensou, jogando-se numa velha poltrona da sala de visitas da avó (era como se ela estivesse ainda no mundo dos vivos, toda a sala estava impregnada de sua presença sorrateira, os chinelos arrastando-se, atenta a tudo; ali estava o piano para valsas e minuetes há tanto abolidos, o guarda-louça, as compoteiras, os castiçais, um ar de sala antiga com segredos e fantasmas, na penumbra.

Tomou um café (a garrafa térmica perto dos livros que trouxera para ler naquele sábado e nem abrira, nem mesmo o «Figuras de Azulejos»), acendeu o cachimbo, ficou olhando pela vidraça (casa, árvores, o céu cinzento de novembro — sim, choveria).

Como se tivesses vivido no século XIX, sentes nostalgia daquele tempo de mulheres de luvas a caminho dos teatros, nos tálburis com sonolentos cocheiros. Já terias pago teu tributo à vida. Mas agora és um raso caporal na sala antiga (que avantesmas estariam agora discreteando aqui sobre fúteis acontecimentos de 1874 ?), arquitetando planos, pensamentos em vai-e-vem como esse velho relógio de parede que foi de teu bisavô Firmino.

Se fosses o Marechal Montgomery haverias de programar tudo com soberbo rigor. Se fosses a Raposa do Deserto, o Primeiro Lord do Almirantado, Napoleão em Austerlitz e Marengo... Mas és um simples caporal com poucas armas e

bagagens muitas, lutando sozinho, desprovido de apoio logístico, flancos em aberto, retaguarda desguarnecida, tendo como quartel-general uma simples sala do século passado com suas toalhas de renda, sua carga de evocações, mistérios, uns restos de música que alguém gostava de ouvir contemplando o perfil da pianista — um perfil para Renoir. Combater à sombra — pensar, enquanto olhas a jarra sem flores sobre o piano — mas que sombra?, que mapa e que futuro?

O fruto amadurecido como o trigo nos campos de Moab. Apenas mordiscado: não lhe morderás a polpa tenra. E o Doce Pássaro da Juventude, que é também o Amargo Pássaro da Paixão, não lhe entrarás novamente pela vulnerável janela da cidadela interior. Bloquearás a janela, cerrarás os ouvidos ao seu canto doce como o mel do Carmelo. Esse tempo passou.

Sentado, cansado, mais meia dúzia de cabelos brancos e esse gosto de fel que a boca a custo suporta. Final de campanha, pensou, enquanto tomava outra xícara de café, e de repente esse leve terremoto interior, como se todo o mecanismo do espírito e do coração estivesse passando por um processo de mutação. Firmou os pés no chão, como se fosse enfrentar um vendaval. Sim, a Idade do Lobo Solitário: é onde agora entras: e é aqui que vedas a entrada ao Pássaro do Desengano — selas a entrada e destróis as chaves.

Esse tumultuado outono inesquecível. E agora vais à janela: é a chuva. A compulsão de morrer sobre os cabelos de Pulchra, esse gosto de fel mais uma vez, e, de repente, a lembrança de que ia para o Grupo Escolar, durante o inverno, com aquela grande capa azul espanhola que já não se usa mais, e nos dias de chuva ficava brincando no quarto até que a mãe ou Baía chamasse para o café-com-leite e pão-com-manteiga, e fosse noite e tio Antônio, que não tinha filhos, lhe segurasse a mão até que dormisse, com medo das matracas da Semana Santa.

Cessa a chuva e a noite é chegada. Lá, naquela rua, mora um anjo, que não é teu. Com uma boca que não beijarás e um alvo colo que será de outro.

Olhou ainda uma vez o piano, lamentando não saber tocar nem mesmo uma breve sonata, uma simples ária, um prelúdio qualquer, um adágio barroco, um oratório de Haendel. Bateu o cachimbo no cinzeiro, consertou o nó da gravata com que fostes à reunião, apagou as luzes, sem te despedires de ninguém saís para a rua, sentiu o vento forte no rosto, cerras os olhos, perguntou-se se, no patamar da Idade nova a um homem como ele ainda seria lícito encontrar-se novamente com Pulchra, polpa tenra de fruto de Teerã, tâmara de Casablanca, adeus.

Enfiou as mãos nos bolsos, como se enterrasse desejos sufocados no sumidouro do tempo, e vais, cansado caporal, caminhando lentamente, cheio de uivos como um Lobo, em direção ao bar que há muitos anos existe naquela mesma esquina.